

CONDUTA PROFISSIONAL COMO REFLEXO DE UMA DISCUSSÃO AXIOLÓGICA: ética e moral¹

Edney Loiola

Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (NAEA/UFPA), professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/CESI), professor da Faculdade Pitágoras e FACIMP/DeVry Brasil. E-mail: edneyloiola@uol.com.br

Járedes Araújo de Sousa

Mestre em Administração – FEAD/BH, professor bolsista CAPES/PARFOR da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e da Faculdade de Imperatriz – FACIMP/DeVry Brasil. E-mail: Jaredes.a.sousa@outlook.com

Resumo

O presente artigo apresenta uma discussão axiológica e seus reflexos na conduta profissional contemporânea e tem por objetivo discutir de que maneira a ética e a moral são desenvolvidas dentro de uma prática educativa, visando uma melhor conduta profissional. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura com um enfoque fenomenológico. Como resultado teórico percebe-se que há uma necessidade de se discutir não mais a ética ou a moral como a ciência que indica como se forma o caráter ou a personalidade, numa percepção meramente acadêmica, mas também como ciência que regula as atividades humanas em detrimento da ordem social e profissional. Assim, conclui-se que a construção de um caminho acadêmico que acompanhe as transformações da sociedade passa pela própria transformação do agir profissional enquanto ação formadora de uma consciência social.

Palavras-chave: Ética. Educação. Ética Profissional.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade mundial passa hoje por uma das mais profundas crises já vivenciadas pela humanidade: a crise dos valores éticos e morais. Crise essa que, segundo Comte (2007), desencadeou-se de forma mais expressiva a partir da inauguração da modernidade, pois, para ele, a sociedade tinha sido arrastada para uma profunda anarquia moral e política que parecia ameaçar e não muito longe provocar a inevitável dissolução da sociedade. Hoje, quiçá, essas anarquias tenham chegado ao esplendor de sua glória.

Não são raras às vezes em que a sociedade depara-se com pessoas tentando avaliar e julgar a postura e atitude de outras pessoas a partir de uma percepção ética, mesmo que esta percepção seja xenofóbica, recheada de preconceitos e ranços moralistas. Desta forma, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de discutir a ética e a moral a partir de uma prática educativa para uma melhor conduta profissional. Tem-se por objetivo discutir de que maneira a ética e a moral são desenvolvidas dentro de uma prática educativa visando uma melhor conduta profissional.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura com um enfoque fenomenológico.

¹ Trabalho de Revisão de Literatura.

2 A ÉTICA E A MORAL COMO JUÍZO PESSOAL E SOCIAL

A verdadeira ética não permite que o homem seja um avaliador, julgador ou punidor do outro, mas apenas de si mesmo. A desventura de avaliar, julgar e punir a conduta do outro se dar pela mediocridade inconsequente das verdades morais, e não por uma consciência ética.

A grande dificuldade que o homem tem em agir eticamente encontra-se no fato de ele sempre se posicionar como um ser superior ao outro. E com isto, acaba por teorizar o princípio do *ethos*, seguindo uma tendência egoísta de afastar-se deste princípio. Quando alguém aponta ou julga o outro, ele se autoafirma como excluído daquele tipo de comportamento, o que gera uma depreciação do outro, que passa a ser visto dentro de um foco totalmente unilateral, belicoso e por fim, marginalizado. (JOLIVET, 1976).

A ética pode estabelecer limites, assim como pode criar possibilidades para além desta realidade obsoleta e efêmera. Mas isto só pode e deve acontecer num movimento intrínseco e peculiar a cada indivíduo. Um comportamento ético passa por uma educação e, desta forma, deve ser estruturada do *intro* para o *extro*, não ao inverso, Pois o aspecto teleológico explícito na maior utilidade da ética é melhorar o próprio indivíduo e, como consequência, alcançar ao outro.

A perda dos valores éticos aproxima o homem dos valores tidos como *ethos-morale* que se esfacelam em suas próprias definições e identidades, ou seja, quanto mais se procura ser ético mais se arraiga à moral, e quando se quer ser moral, torna-se fundamentalista (moralista), por não aceitar ou nem mesmo respeitar os valores desenvolvidos pelo outro (NALINI, 2013; CAMARGO, 2014).

Os valores éticos desvirtuaram-se e por esta razão o homem tende a buscar no outro àquilo que ele não consegue encontrar em si mesmo. Ele quer que a ética pertença à sociedade e não ao indivíduo que compõe à sociedade, da mesma forma que ele deseja enquadrar à moral à privacidade do indivíduo e não à sociedade. Ignora que o homem aceita ou se submete à moral, a fim de manter minimamente uma convivência social.

A moral cria o que o homem mais aprecia transgredir, a dizer: as leis, os dogmas, as doutrinas ou, seja lá como se queira chamar. E o homem transgredir a tudo isto, não porque ele seja simplesmente um demente transgressor. Mas sim, em virtude de o homem ser uma composição tricotômica (corpo, alma e espírito) que tem em si muito mais de transcendência (alma e espírito) que de imanência (corpo), e com isto, torna-se impossível alguma coisa enquadrar o homem.

A ética por sua vez traduz o grande anseio do homem: a liberdade e a felicidade. Mesmo que o homem não saiba o que fazer com elas – e a dimensão de transcendência instiga a imanência a violar os interditos que causam sofrimentos (dores, angústias, ansiedades, saudades...). A ética

mantém o equilíbrio necessário para que o homem nesta busca inquietadora por esta tal liberdade não aja irresponsavelmente para consigo ou para com o próximo, pois a ética é o reto juízo que mantém um profundo diálogo com a consciência do agir humano, e a consciência ética é um santuário sagrado em que somente o homem transcendente pode entrar na qualidade de juiz. Julga tão e somente a si mesmo pela profunda sintonia estabelecida entre a alma e o espírito. (AGOSTINHO, 2000).

3 ÉTICA COMO AXIOLOGIA EDUCATIVA E ÉTICA PROFISSIONAL

A axiologia enquanto área do conhecimento ainda não tem um lugar de repouso. Para muitos é uma disciplina filosófica de cunho metafísico, visto que se refere subjetivamente aos valores do ser; outros as concebem com uma ciência da ética, pois a mesma se ocupa exclusivamente dos valores éticos; na estética, também existe quem a defenda como o seu lugar, porque a valoração e juízos axiológicos seguem parâmetros muito parecidos aos juízos de beleza; e há aqueles que a colocam na antropologia cultural pelo fato de os valores estarem vinculados a um legado cultural de cada sociedade (SANABRIA, 1998).

Por mais que se tenha discutido axiologia dentro de uma perspectiva mais filosófica, não há um entendimento pacificado de ela seja apenas uma vertente de crivo peculiar da filosofia, mesmo sabendo que a axiologia, enquanto estudo dos valores nasceu como uma filosofia, na Alemanha, e no final do século XIX, na Áustria, na Escola Austríaca, do filósofo Alexius Meinong (1853 – 1921) e com Christian Von Ehrenfels (1850 – 1932), discípulo de Meinong, na Escola Neokantiana de Baden (SANABRIA, 1998).

Todavia, sendo a axiologia o nicho da discussão da ética, que enquanto saber filosófico se inicia com Sócrates, essa discussão se amplia para as atividades profissionais a partir da percepção de “*homo faber*”, pela necessidade de se discutir não mais apenas a ética como a ciência que indica como se forma o caráter, mas também, como ciências que regula as atividades humanas em detrimento da ordem social e profissional (SANABRIA, 1998).

Não se pode negar que as discussões sobre Ética Profissional remontam a cada relação profissional exercida nas diversas atividades humanas. Vão desde a prática normal de atividades econômicas, até as relações que envolvem aspectos biológicos, sociais e educacionais. Neste último aspecto, a discussão avança à medida que as instituições e seu conseqüente processo de ensino-aprendizagem também avançam, resultado de novos processos que buscam dinamizar, também, as práticas pedagógicas ora desenvolvidas nas universidades e escolas.

Em um primeiro plano é importante reconhecer que a ação de ensino está revestida de atitudes situacionais (e até contingenciais) que exigem, acima de tudo, um bom senso na hora de empreender ações ou expor ideias que podem invocar conflitos ou interferir nestes, pelo fato de que os pontos de vistas e comportamentos dos docentes e discentes (por exemplo) são diferentes e carregados de juízos de valor. Estes juízos, de imediato, têm o poder de ampliar eventuais conflitos e colocar em evidência e questão a forma como a ética será tratada, mesmo que esteja incorporada de valores dominantes adquiridos pelo indivíduo.

Seja no contexto das instituições de ensino públicas ou privadas, a ética precisa aparecer – e transparecer – de forma congruente com o interesse geral, sem subordinar-se aos valores dominantes de indivíduos que os adquiriram em classes sociais diferentes, por intermédio de crenças de dominação. Para tanto, agir eticamente significa saber conviver em sociedade, reconhecendo a sociedade como um conjunto que precede a parte individual (ARISTÓTELES, 2002), e que considera os indivíduos envolvidos no processo em suas particularidades e necessidades (ARRUDA, 2002).

Essa análise, quando observada no espaço acadêmico, permite considerar que as relações ocorridas neste espaço resultam, antes de elementos individuais, de fatores institucionais e profissionais, ampliando as relações éticas, ao mesmo tempo em que proporcionando ressignificação das mesmas, na medida em que oportuniza um crescimento coletivo de valores. Borges e Medeiros (2007, p. 64) apontam, nesse raciocínio, que “[...] esse crescimento, obtido pela ação ética consciente, reveste-se como indicador e diferencial indispensáveis não só na atuação das pessoas, mas de empresas e profissionais”.

Em um plano maior, essa visão estende-se para o complexo acadêmico como um todo – tal como pode ocorrer também nas escolas de ensino médio e fundamental – exigindo dos professores maior nível de interação e comprometimento (onde aqui reside significativamente a ética), na proporção em que a especialização das atividades laborais aumentam (AGUIAR, 2003). E nesse processo de especialização no meio acadêmico, através da progressão de titulação, os docentes têm consciência daquilo que buscou na área do conhecimento (além da conquista financeira), instigando-o em graus diferentes de dedicação à docência e a formação do conhecimento.

O nível de conhecimento do profissional sobre a profissão, a área de atuação e pesquisa compreende conhecimentos técnicos e específicos, o respeito aos colaboradores, integridade ao agir, em que a cada momento da história os profissionais propõem-se a resolver novos problemas (NOSELLA, 2008), em contextos diferenciados e valores pessoais heterogêneos. Assim, a ética

deve tratar dos valores (*axiogenia*, *axiotropia*, *axiofilia* e *axioprxia*), opções de ação e responsabilidades que contribuam para propiciar uma relação de ensino e aprendizagem dinâmica, dentro de aspectos morais – mas não moralistas – que possam, conjuntamente, viabilizar o contexto mais amplo do crescimento acadêmico e profissional dos discentes.

A perspectiva de construção de uma relação profissional livre de conflitos antiéticos e conflitos que denotem uma ruptura do tecido social na academia deve se enquadrar na questão científica e humanista que contemple os saberes e a formação de um ambiente dinâmico de ensino que, ao mesmo tempo, não seja unilateral – tal como posto no passado – ao ponto de limitar o avanço profissional dos acadêmicos e a própria formação do conhecimento. Se a capacidade cognitiva de alguns discentes está, em certo sentido, voltada para a direção do mercado sob o aspecto econômico-financeiro, esse direcionamento não pode fissurar as relações profissionais éticas que se inserem nesse cenário. As profissões devem superar a utilidade individual de quem a exerce, como no caso dos discentes, destacando-se em suas características sociais e morais (SÁ, 2001).

No âmbito das profissões técnicas, com muita propriedade, Sá (2001, p. 129) leciona que:

É pela profissão que o indivíduo se destaca e se realiza plenamente, provando sua capacidade, habilidade, sabedoria e inteligência, comprovando sua personalidade para vencer obstáculos [...] através do exercício profissional, consegue o homem elevar seu nível moral [...] é na profissão que o homem pode ser útil à sua comunidade e nela se eleva e destaca, na prática dessa solidariedade orgânica.

Percebe-se que no aspecto das profissões técnicas (compreendendo as profissões que não dizem respeito ao ensino), as classes e categorias profissionais devem seguir a esse conjunto de condutas éticas no exercício de suas profissões, observando os valores e as práticas adequadas a cada atividade e as relações junto aos membros envolvidos (colaboradores, agentes externos, etc.). Esses elementos podem constituir-se em condições que se possa criar a “ciência nova, ética nova”, na melhor das interpretações de Brecht (1977).

O professor, enquanto profissional deve se regido por esse conjunto de condutas éticas no exercício de sua profissão. Todavia, o educador, não! Ele deve ser em si mesmo, a “personificação” da ética, pois seria contraditório até mesmo imaginar que aquele que vive a arte de educar não tenha conduzido para fora aquilo que ele tem de melhor, visto que a finalidade da ética é indicar ao homem o caminho do bem e fazer com que ele possa dar o melhor de que ele seja capaz (ESTÉBANEZ, 1996; SANABRIA, 1998).

CONCLUSÃO

A partir das discussões apresentadas sobre de que maneira a ética e a moral são desenvolvidas dentro de uma prática educativa visando uma melhor conduta profissional, observa-se que a construção de um caminho acadêmico que acompanhe as transformações da sociedade passa pela própria transformação do agir profissional enquanto ação formadora de uma consciência social desenvolvimentista. Ações pela prática profissional e do “sucesso” profissional que devem ser tuteladas pela direção construtiva voltadas para o *intro* (percepção ética), capaz de permitir o alcance de liberdades imbuídas de responsabilidades individuais e coletivas sem o condão de julgar o outro por se sentir ameaçado ou pelo prazer *extro* (concepção moral) do fracasso alheio. E que o educador nesse processo árduo e contínuo não pode ter um código de ética que regule suas ações, mas que o mesmo deve ser a própria ética em ação.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A cidade de Deus:** contra os pagãos. Tradução: Oscar Paes Leme. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AGUIAR, Emerson Barros de. **Ética:** instrumento de Paz e justiça. 2. ed. Natal: Tessitura, 2003.
- ARISTÓTELES. **Política.** Coleção a Obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ARRUDA, Maria Cecília Coutinho de. **Código de Ética:** um instrumento que adiciona valor. São Paulo: Negócio Editora, 2002.
- BORGES, Erivan; MEDEIROS, Carlos. **Comprometimento e ética profissional:** um estudo de suas relações juntos aos contabilistas. Revista de Contabilidade Financeira. USP: São Paulo, n. 44, p. 60-71, 2007.
- BRECHT, B. **A vida de Galileu.** São Paulo: Abril Cultural, 1977.
- CAMARGO, Marculino. **Fundamentos de ética geral e profissional.** 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COMTE, Augusto. **Reorganizar a Sociedade.** Tradução: Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2007.
- ESTÉBANEZ, Paciano Feroso. **Teoría de la Educación.** 3.ed. México: Trillas, 1996.
- NALINI, José Renato. **Ética Geral e Profissional.** 10.ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.
- NOSELLA, Paolo. **Ética e pesquisa.** Revista de Educação Social. Campinas, vol. 29, n. 102, p. 255-273, 2008.

SÁ, A Lopes de. **Ética profissional**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SANABRIA, José Rubén. **Ética**. 14. ed. México: Porrúa, 1998.